



# **CENTRO DE TECNOLOGIA – UFRJ**

**2022**

## **As ciências de engenharia da UFRJ no tempo da Independência do Brasil**

A criação formal da Universidade Federal do Rio de Janeiro ocorreu em 07 de setembro de 1920, quando foi instituída a Universidade do Rio de Janeiro [URJ]. Posteriormente, em 1937, a URJ teve o seu nome alterado para Universidade do Brasil [UB] e, a partir de 1965, passou a ter a denominação de Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ].

Mas o marco de 1920, considerado o início da UFRJ, embora seja legal, já sofreu questionamentos por parte de alguns importantes historiadores da UFRJ. Por exemplo, o próprio ex-Reitor Pedro Calmon, prefaciando em 1967 o volume primeiro do livro “Uma Universidade no Rio de Janeiro” de autoria do Prof. Emérito Francisco Bruno Lobo, sentenciou: “*A Faculdade de Medicina ... sendo de 1808, é de 1808 que data a Universidade do Brasil*”. Mais tarde, em 1980, ele foi acompanhado pelo próprio Prof. Bruno Lobo: “*Algumas das mais antigas universidades europeias consideram como data em que foram fundadas aquela em que nelas foi instalada a primeira aula ou curso*”.

É evidente que eles não estavam contestando a data de 1920, mas sim contextualizando como sendo o início da instituição universitária maior, o momento em que uma das suas unidades integrantes começou, de fato, a realizar um ensino em nível superior.

Na área da engenharia, seu ensino começou no âmbito militar e considera-se que o início, de maneira formal e contínua, ocorreu ao final do século XVIII, em 17 de dezembro de 1792, quando o 2º Conde de Rezende, D. José Luiz de Castro criou, na cidade do Rio de Janeiro, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho [RAAFD]. O estatuto dessa instituição, cujo curso tinha duração de seis anos, prescrevia o estudo de matemática, arquitetura civil, materiais de construção, construção de caminhos e calçadas, hidráulica, pontes, canais, diques, comportas e orçamento de edifícios. E mais, estabelecia textualmente que “*os que quiserem seguir a profissão de Engenheiros ... só completarão o tempo da sua aplicação no fim do sexto ano*”.

No início do século XIX, em 1810, com a Família Real já estabelecida no Rio de Janeiro, o Príncipe Regente D. João VI instituiu, por Carta Régia de 4 de dezembro, uma nova academia militar: a Academia Real Militar [ARM].

Evidentemente que a ARM era uma instituição destinada a formar oficiais para o corpo militar da Corte portuguesa. Nesse sentido, havia aulas específicas para a formação do oficialato, mas, em relação às ciências físicas e naturais e de aplicação, a Carta especificava textualmente as matérias de matemática, física, química, mecânica, mineralogia, desenho, metalurgia, história natural, além das disciplinas básicas como cálculo infinitesimal, geometria descritiva, astronomia, ótica, geodesia, topografia, cartografia, geografia, etc.

Foi projetada uma instituição avançada, com fundamentos científicos, contendo cadeiras básicas versando sobre os mais modernos conceitos na época da matemática, da física, e outras ciências, como também apresentando cadeiras de aplicação e exigindo exercícios práticos dos conhecimentos adquiridos.

Apesar de os problemas políticos e militares com a França, o estatuto da instituição, longo e minucioso, reconhecia a superioridade francesa nos campos de conhecimento da ciência e da engenharia. Os livros adotados eram as obras científicas utilizadas nas escolas parisienses, de autores como La Croix, Le Gendre, Delambre, Gaspard Monge, Prony, Bézout, Euler, La Place e outros.

Ou seja, um projeto ambicioso para o Brasil no despertar do século XIX: uma verdadeira escola científica, de ciências da engenharia.

Assim, embora as academias RAAFD e ARM tenham sido instituições militares, conclui-se que elas iniciaram, de maneira sistematizada, os estudos das ciências básicas e de aplicação próprias de um curso de engenharia civil.

Em 1874, após uma série de transformações de denominação, estrutura e cursos ocorridas na ARM, a atual Escola Politécnica, unidade acadêmica mais antiga do Centro de Tecnologia da UFRJ tornou-se a única herdeira civil, em linha direta e contínua, dessas duas primeiras instituições. Nesse sentido e seguindo-se a linha de pensamento de Pedro Calmon, é possível considerar que, ao ser declarado o “Grito do Ipiranga” por D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, os fatos relativos à Academia Real Militar ocorridos por essa época

pertencem também às trajetórias históricas da Escola Politécnica e do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com isso, nesse tempo em que se comemora a passagem dos 200 anos da independência política do Brasil, é conveniente que o Centro de Tecnologia da UFRJ faça o resgate histórico, mesmo que seja parcial, em fragmentos, da cronografia da Academia Real Militar na década de 1820.

Portanto, em comemoração ao Bicentenário da Independência, o Centro de Tecnologia da UFRJ realiza essa exposição, apresentando à comunidade universitária e ao público em geral, personagens, livros utilizados pelos alunos, seus uniformes, livro de matrícula, o estatuto (em cópia) e a imagem do local onde funcionava a Academia Real Militar, o atual Largo de São Francisco de Paula, no tempo da Independência.